

Aprovada na 853ª Sessão

ALADI/CR/Ata 851
(Extraordinária)
18 de novembro de 2003
Horas: 10h30m às 11h00m

ATA DA 851ª SESSÃO, EXTRAORDINÁRIA,
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

Doação do Governo dos Estados Unidos Mexicanos à Associação Latino-Americana de Integração de um busto de Miguel Hidalgo y Costilla, Pai da Pátria, e comemoração do CCL Aniversário de seu Nascimento.

Preside:

BERNARDO PERICÁS NETO

Assistem: Juan Carlos Olima, Ricardo Hartstein e Margarita Polverini (Argentina), Armando Loaiza Mariaca (Bolívia), Bernardo Pericás Neto e Afonso José Sena Cardoso (Brasil), Héctor Casanueva Ojeda, Oscar Quina Truffa e Axel Cabrera (Chile), María Claudia Garavito Triana (Colômbia), José Felipe Chaple Hernández (Cuba), Leonardo Carrión Eguiguren e Julio Prado Espinosa (Equador), Jesús Puente Leyva, Dora Rodríguez Romero e César Manuel Remis Santos (México), Nancy Doria de Guggiari e Luis Alfonso Copari (Paraguai), William Belevan Mc Bride e Eric Anderson Machado (Peru), Mariella Crosta (Uruguai), Nancy Unda de González e Magdalena Simone (Venezuela).

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas.

Secretários-Gerais Adjuntos: Leonardo F. Mejía, María Teresa Freddolino.

Convidados especiais.

PRESIDENTE: Inicia-se esta Sessão, Extraordinária, do Comitê de Representantes, em homenagem a Miguel Hidalgo y Costilla, iniciador da independência do México e Pai da Pátria.

Senhores Representantes Permanentes, senhor Secretário-Geral e Secretários-Gerais Adjuntos, senhores Representantes de Países e Organismos Observadores, senhoras e senhores convidados especiais, senhoras e senhores,

Nos reunimos hoje para prestar uma homenagem solene a Miguel Hidalgo y Costilla no ano de seu 250º aniversário e para comemorar a doação à ALADI, pelo Governo dos Estados Unidos Mexicanos, do busto do Pai da Pátria mexicana.

Ninguém personifica melhor a independência mexicana que a figura de Miguel Hidalgo. O dia 15 de setembro de 1810, data em que lançou o “Grito de Dolores”, convocando o povo da pequena cidade à luta pela liberdade, é considerado o marco inicial do movimento independentista mexicano.

Nascido na Província de Guanajuato, hoje Estado de Guanajuato, pertencente a uma família de classe média, este sacerdote, influenciado pelas idéias liberais do Iluminismo europeu, abraçou apaixonadamente a causa da independência e, dotado de grande carisma, incitou o povo mexicano a rebelar-se contra a dominação colonial.

Miguel Hidalgo foi um precursor da luta contra a injustiça social, hipoteca que pesa ainda hoje sobre nossa região. Como pároco da pequena cidade de Dolores, dedicou-se a melhorar a vida da população despossuída. Deu grande importância à educação dos membros de sua cidade, promovendo o ensino da leitura, do cultivo da terra e dos diferentes artesanatos. Além disso, defendeu a abolição da escravatura e a distribuição das terras. O sentimento de desconformidade com a realidade social foi um dos principais fatores que o animaram na luta libertadora. Seu projeto de independência era também de reforma social.

Miguel Hidalgo simboliza o valor da devoção apaixonada por uma causa. O fervor revolucionário que produziu em seus compatriotas foi um elemento fundamental para o avanço do movimento independentista. Contra todas as adversidades, dedicou-se totalmente a seu objetivo, o que lhe custou a própria vida.

O busto de Miguel Hidalgo vem reunir-se, no pórtico da ALADI, com os de outros próceres de países latino-americanos. Pelo papel histórico do Pai da Pátria mexicana e pelos valores pelos quais lutou, sua presença em bronze na frente deste edifício representará fonte de permanente inspiração para os esforços de nossa Associação na busca de maiores e melhores níveis de integração e de desenvolvimento econômico e social na América Latina.

Ao comemorar o 250º aniversário de nascimento do Pai da Pátria do México, a ALADI rende, portanto, a devida homenagem, e agradece o gesto do Governo mexicano de doar o busto de Miguel Hidalgo, que será desvelado dentro de alguns instantes.

Ofereço a palavra ao senhor Secretário-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL: Muito obrigado, senhor Presidente. Senhor Presidente, senhores Representantes Permanentes, senhor Embaixador do México e Representante Permanente junto à Associação, convidados, amigos todos, colegas da Secretaria-Geral,

“Viva a independência! Viva a América!” Foram essas as frases emblemáticas pronunciadas pelo Prócer mexicano, o Pai Miguel Hidalgo y Costilla, a quem, na Sessão Extraordinária de hoje, o Comitê de Representantes desta Associação rende merecida homenagem.

Foi na madrugada de 16 de setembro de 1810, quando esse insigne e glorioso lutador expressou, num histórico e imortal momento que perdura e enriquece a cultura e a tradição asteca, e ainda mais a latino-americana, o memorável “Grito de Dolores”. Ali, o Pai Hidalgo fez um chamamento a lutar pela independência do México.

Há dados biográficos do Pai Hidalgo y Costilla que guardam semelhança com algumas vivências de outros próceres latino-americanos, que também percorreram a senda dos movimentos independentistas. É o caso, entre outros, do Libertador Simón Bolívar. Ambos os próceres são provenientes de famílias abastadas, comungam do profundo interesse de enriquecer sua formação intelectual, ilustrando-se nos pensamentos europeus da época, que os levaram a compartilhar os ideais do liberalismo. Igualmente, os une sua inclinação e especial sensibilidade para as necessidades sociais de seus povos e uma triste e injusta morte antecipada. Estudioso, promotor, gestor, educador, sacerdote, militar, lutador, são poucos esses qualificativos para destacar a figura do Pai Hidalgo.

Hoje ressaltamos uma faceta de sua vida. O prócer mexicano promoveu especial esforço para atender as angústias e desigualdades sociais de seu povo, razão pela qual centrou sua atenção em atividades com um certo caráter comercial, as quais tinham como objetivo elevar o nível de vida dos habitantes. É o caso do ensino da utilização dos recursos naturais de sua região, antes inexplorados, com fins produtivos. Esse espírito empreendedor cristalizou-se na instalação de oficinas ou pequenas indústrias de artesanato, olaria, carpintaria, forja, entre outras, até chegar à plantação de amoreiras e videiras. Abolidor da escravidão, morreu como Bolívar, não desterrado, mas desprezado por seus liberados.

Para este grande homem, Miguel Hidalgo y Costilla, o destino marcou um rumo, que o levou a forjar e integrar a história de um de nossos países-membros. Seu povo, o povo asteca, o batiza com o título de “Pai da Pátria”, e nós, nesta Secretaria-Geral, hoje, o homenageamos e recebemos, com sumo orgulho e prazer, um busto que desvelaremos na Sede desta Associação.

Esse busto, como dizia o senhor, Presidente, juntamente com outros próceres da independência de nossa região, continuarão inspirando nossas tarefas, na tentativa de trazer para nós os esquecidos de sempre. Viva México!

Muito obrigado, senhor Presidente.

PRESIDENTE: Muito obrigado, senhor Secretário-Geral.

Ofereço a palavra ao senhor Representante Permanente do México.

Representação do MÉXICO (Jesús Puente Leyva): Senhor Presidente, senhor Secretário-Geral, senhores Representantes Permanentes, amigos do corpo diplomático, amigos todos do México,

A segunda metade do século XVIII foi a época de ouro da colônia novo-hispânica; então, afirmou-se com caracteres precisos o que se vinha desenvolvendo no curso de 250 anos, no caso do México, uma economia colonial opulenta, mas dependente, socialmente

injusta, ao finalizar o século XVIII, e no alvorecer do XIX, sujeita a severas limitações fiscais e mercantis. O mercado interno da Nova Espanha apenas se desenvolvia. Estruturalmente, a economia colonial era de enclave e repousava sobre os setores de produção, destacadamente a mineração, que exportavam para a metrópole.

No México colonial, segundo Alexander von Humboldt, extraíam-se em maior proporção os metais preciosos que davam a volta ao mundo. No princípio do século XIX, a Nova Espanha era responsável por $\frac{3}{4}$ da arrecadação total da metrópole proveniente de suas colônias. As cidades do México, destacadamente a mui nobre capital do Vice-Reino, contavam com estabelecimentos científicos que se podiam comparar com os da Europa e exibiam sólidos edifícios e igrejas de luxuosa arquitetura.

A elegância dos móveis, o luxo da vestimenta entre os ricos peninsulares e o tom da vida social, tudo luzia com fino e cuidadoso esmero, que contrastava com a desnudez, ignorância e a grosseria do populacho.

A capital da Nova Espanha foi chamada por Humboldt de “Cidade dos Palácios”, mas, mesmo nos seus arredores mais distantes, o Vice-Reino era também o país da desigualdade, quiçá em nenhum outro lugar poder-se-ia ver, como no México colonial, afirmou Humboldt, uma tão espantosa distribuição de renda, de civilização, de cultivo de terras e de população. O território da Nova Espanha era vasto e de limites imprecisos, quase o triplo do que é atualmente. Até a segunda década do século XIX, o México abarcava no norte, no que hoje é Estados Unidos, enormes pradarias, percorridas por bisontes que conviviam com nômades comanches, as montanhas rochosas, os longos rios caudalosos, as planícies do Texas, as costas e o deserto da Califórnia, e no sul, Yucatán, Chiapas e o Soconusco, até a Guatemala e mais além na América Central.

No princípio do século XIX, a população do México representava 40 por cento de toda a população sob domínio da Espanha, desde a Califórnia até o Cabo Horn. Em seu território viviam 6,5 milhões de habitantes. Destes, apenas 70.000 eram espanhóis e, ademais, ocupavam quase todos os empregos principais da Administração, da Magistratura, da Igreja e do Exército. Além disso, detinham o grosso do comércio e eram donos de grandes fortunas de um erário empregado em diversas transações e em todo tipo de fazendas e propriedades.

Abaixo desta elite, estavam os crioulos, filhos de espanhóis ou espanhóis não-peninsulares, mas, sobretudo, os índios e os mestiços, representando quase 90 por cento da população e vivendo em extrema pobreza. Estes últimos, mescla de índio, negro e branco, eram classificados, de maneira insultante ou depreciativa, de acordo com a mistura étnica correspondente. Eram eles, entre outros, os mulatos, termo derivado de mula, os zambos, os “tercerones” e “cuarterones” (quadrarões), coíotes, “saltatrás” e “tentenelaire”.

Despojados os povos de suas propriedades comuns e mal divididas as terras, havia-se produzido uma exagerada concentração da propriedade em poucas mãos, e havia-se imposto um férreo sistema de servidão e de fática escravidão a índios e castas.

Certamente, de maneira formal, desde os dias da conquista, as leis espanholas pretendiam beneficiar protetoramente os naturais. O propósito era colocá-los a salvo da cobiça dos brancos, das leis mal aplicadas e das audiências, entretanto, ordens e cédulas, contra-cédulas e contra-ordens não impediram a submissão e a bárbara exploração dos índios e das castas.

Nesse contexto de injustiças emergiam contradições e enfrentamentos de interesses. De um lado estavam os grupos que se haviam tornado hegemônicos, ligados à economia da dependência, mineiros, comerciantes, exportadores, a burocracia política, e do outro, os setores interessados em promover o mercado interno, a igreja, os fazendeiros, os comerciantes da província e um incipiente grupo industrial. Todos beneficiavam-se da prosperidade geral, mas estes últimos sofriam mais que os primeiros o acúmulo de entraves e sanções impostas pelo sistema, chegando a considerar-se os crioulos como vítimas da exploração peninsular.

Ao mesmo tempo, existiam grandes diferenças de categorias sociais e de poder econômico entre a alta hierarquia da igreja e o chamado baixo clero. Os padres de menor hierarquia, os que oficiavam e serviam nos pequenos povoados e nas cidades distantes identificavam-se social e intelectualmente com os crioulos, por aproximação com os mestiços, integrando com eles uma espécie de estamento social de classe média baixa, que não encontrava lugar adequado e que lhe parecesse gratificante no mundo real, o que, com frequência, os conduzia ao reino ideal das artes e do saber.

A esse ambiente de realidades econômicas e de limitações sociais pertencia um modesto padre de povoado que, respondendo a exigências históricas ineludíveis, colocou em movimento a gesta histórica da independência. Miguel Hidalgo y Costilla, Pai da Pátria, era pároco de povoado quando se colocou à frente da luta pela liberdade.

Hidalgo, porém, era algo mais que isso; ainda que padre modesto, era um dos intelectos mais refinados e críticos de sua época na Nova Espanha. Leitor insaciável, inspirado pelos textos do Iluminismo e pelo constitucionalismo fundador dos Estados Unidos, a biblioteca de Hidalgo, seleta e nutrida, estava entre as melhores da colônia.

Ainda muito jovem, entre os 12 e 14 anos, Hidalgo estudou com os padres jesuítas até que fossem expulsos da metrópole e das próprias colônias. De talento distinto, aos 20 anos obteve dois títulos de bacharel na Real e Pontifícia Universidade do México. Aos 25, recebeu as Ordens Maiores com poder para celebrar a eucaristia e perdoar os pecados.

Durante 13 anos teve intensa vida acadêmica na Universidade de San Nicolas, na cidade de Morelia, província de Michoacán, um dos mais prestigiados centros de estudos da Nova Espanha. Aí ensinou gramática latina, arte, citologia escolástica, método de estudo sobre o qual escreveu uma dissertação, que foi premiada e originou uma reforma nos planos de sua própria alma *mater*.

Vale mencionar que Hidalgo, além de latim, dominava o francês, o italiano e, entre outras línguas indígenas, o otomí, o tarasco e o náhuatl. Aos 37 anos de idade, em 1790, foi nomeado Reitor de San Nicolás, onde foi objeto de murmurações; reprovavam-lhe o caráter adquirido pelos jesuítas, a leitura de livros proibidos, certa inclinação para o jogo e o trato com mulheres. Prontamente, Hidalgo renunciou ao reitorado do Colégio Nicolaita e foi-se para outras províncias e povoados, servir em diversas paróquias.

Finalmente, em 1793, estabeleceu-se em San Felipe, província de Guanajuato, atendendo com esmero os deveres de seu Ministério. Ali adquiriu e trabalhou uma horta e impulsionou a olaria, aumentou sua biblioteca pessoal com livros de Buffon, Racine, Molière, Bossuet e La Fontaine.

Lúdico e imaginativo, Hidalgo em sua casa montava obras teatrais e organizava tertúlias para discutir arte, ciência e literatura, sem omitir os temas políticos. Hidalgo era homem culto, audaz e comunicativo. Em algumas ocasiões discutiu com padres

mercedários a história eclesiástica de Claudio Fleuri, a qual afirma que o governo da Igreja era exercido por ignorantes, que a Bíblia deveria ser estudada com liberdade de entendimento e que a epístola de São Paulo era apócrifa. Isso bastou para que fosse acusado junto à Inquisição que, três meses depois, eu diria, com generosidade, arquivou a denúncia por falta de provas.

Nesse tempo, Hidalgo, homem de utopias realistas, estava convencido de que o trabalho e sua organização comunitária eram instrumentos de indubitável superação humana. No alvorecer do século XIX, ao amparo de seus ofícios religiosos, com o esforço de todos, instalou um curtume, uma talabartaria, uma oficina de forja, uma carpintaria e um tear. Na beira do rio escavou uma acéquia para irrigação, plantou um pomar de amoreiras, preparou colmeias e semeou milhares de videiras, que propagou para as hortas do povoado. À noite dava aulas aos agricultores e artesãos, obtendo excelentes produtos, dentre os quais se destacavam a seda, o vinho, as velas e outros.

Em dezembro de 1808, na própria província de Guanajuato, Hidalgo conheceu alguns funcionários públicos e militares crioulos de alta hierarquia, aos quais passou a expor sua opinião intelectual e ideológica de que a invasão napoleônica à Espanha, ocorrida no início do mesmo ano, dava suficiente motivo para que as colônias da América se independentizassem, devendo-se restituir à Coroa quando Fernando VII, então preso em Valencia, voltasse ao trono.

Nesse contexto, expressou a convicção de que na Prefeitura estava a verdadeira e original representação popular e, como conseqüência disso, dever-se-ia convocar a constituição de um Congresso, com representação de todas as Prefeituras do Vice-Reino, Congresso destinado a governar o país na ausência do Monarca. Nesses termos, antes de qualquer evolução teórica, concebia-se o povo como fundamento real da sociedade.

Em seu momento, os decretos que promulgou Hidalgo foram expressão dessa soberania efetiva, mas a irrupção bonapartista na Espanha e os pareceres de Fernando VII eram apenas uma conjuntura propícia. O importante era que, por longas décadas, os crioulos da classe média tinham com a obsessão da independência.

Por sua vez, os ricos e os latifundiários mineiros resistiam a compartilhar as riquezas da Nova Espanha com a insaciável avidez da Coroa. Os espanhóis e crioulos que viviam e trabalhavam no México tinham o mesmo desejo, e muito concreto: mandar na casa e ser donos do que nela havia. Quando Napoleão invadiu a Espanha, os próprios espanhóis opuseram-se ao invasor, e os mexicanos, que haviam deixado de sentir-se espanhóis, decidiram aproveitar a oportunidade para tornarem-se independentes.

Nesses dias, sobre os muros da capital do Vice-Reino apareceram colados os seguintes versos: “Abre los ojos, pueblo mexicano, y aprovecha la ocasión tan oportuna. Amados compatriotas, en las manos las libertades ha dispuesto la fortuna, si ahora no sacudís el yugo hispano, miserables seréis, sin duda alguna”¹.

A partir de então, Hidalgo converteu-se no audacioso promotor da inconformidade, rejeitando a idéia de que a Nova Espanha ficasse submetida aos franceses. Hidalgo

¹ “Abre os olhos, povo mexicano, e aproveita a ocasião tão oportuna. Amados compatriotas, nas mãos as liberdades dispôs a fortuna; se agora não sacudis o jugo hispânico, miseráveis sereis, sem dúvida alguma.”

afirmava a vontade de declarar a independência do México, expulsando os espanhóis peninsulares, cuja fortuna se concentraria nos cofres públicos em benefício do povo.

O ativismo de Hidalgo não conheceu limites, seu proselitismo integrou uma importante massa de aderentes à causa, decididos a levar a cabo um pronunciamento libertário, que teve de precipitar-se, porque os conjurados foram denunciados. Chegou a hora crítica da história. No povoado de Dolores, província de Guanajuato, na longa noite de 15 de setembro de 1810, Hidalgo é informado de que ele e sua gente haviam sido descobertos e se lança à luta, seguido de seus principais, com quem sai a libertar os presos da prisão e dirige-se ao quartel para apoderar-se de surpresa das armas.

Durante as horas seguintes, os insurgentes aprisionaram os espanhóis do povoado, resolutamente o padre fez repicar o sino de sua paróquia, chamando para a missa, e do pórtico da igreja, segundo as crônicas, dirigiu estas e outras palavras à multidão que se congregava: “Este movimiento tiene por objeto quitar el mando a los europeos que se han entregado a los franceses, y quieren que corramos la misma suerte, lo cual no debemos consentir jamás. Viva la independencia!. Viva la América! Muera el mal Gobierno!”²

É importante notar que, nessa e em outras arengas e discursos pronunciados por Hidalgo, o chamamento era para libertar a América, não o México, a América. Não se tratava de uma luta de perspectivas limitadas, nem de alcance paroquial. Além do mais, o raciocínio político que se invocava era sólido; ainda que a Nova Espanha carecesse de autonomia, o princípio que regia sua existência não era o que define uma colônia, a Nova Espanha era outro dos reinos submetidos à Coroa, em teoria igual aos reinos de León, Castilla, Aragón ou Navarra.

Em conseqüência da falta de soberano, nas colônias da América a soberania recaía no povo e deviam ser abolidas todas as autoridades até que se recebesse nova investidura da Prefeitura. Com essas premissas, mais tarde, nas próprias cortes de Cádiz, os representantes mexicanos iriam reiterar a velha tese do direito natural, de que a soberania reside no povo, mais ainda, reside radicalmente no povo. Da noite de 15 de setembro até a manhã de 16, Hidalgo empreendeu sua cruzada levando como estandarte a Virgem de Guadalupe, emblema sincrético e mestiço do México de sempre.

De imediato, pela primeira vez na América, Hidalgo declarou abolidas as castas e a escravidão. Vale a pena citar algumas linhas do mandado correspondente, no qual se anunciava de maneira pública e notória a todos os moradores desta América o estabelecimento do novo Governo, pelo qual, com exceção dos europeus, todos os demais, avisamos, não nomeados na qualidade de índios, mulatos, nem castas, mas todos, no sentido geral, americanos. “Nadie pagará tributo – diz o mandado – ni habrá esclavos en lo sucesivo, y todos los que lo tengan, sus amos serán castigados, no hay cajas de comunidad y los indios percibirán las rentas de sus tierras, como suyas propias. Todo americano que deba cualquier cantidad a los europeos no está obligado a pagar, pero si al contrario debe el europeo, pagará con todo rigor lo que deba al americano. Todo reo se

² “Este movimiento tem por objetivo tirar do poder os europeus que se entregaram aos franceses e querem que tenhamos a mesma sorte, no que não devemos consentir jamais. Viva a independência! Viva a América! Morte ao mal governo!”

pondrá en libertad, con apercibimiento de que el que delinquiere en el mismo delito o en otro cualquiera, que desdiga la honradez de un hombre será castigado”.³

Poucos dias depois de iniciado o movimento, uma massa amorfa e caótica de cem mil homens dispersos pelos povoados e pelas planícies do Bajío havia-se somado à causa independentista.

Entretanto, a campanha de Hidalgo foi breve, sacrificada e sangrenta. Entre vitórias e derrotas, Hidalgo lutou até que, 6 meses depois, em uma emboscada, foi feito prisioneiro e submetido a juízo. Além de ser excomungado, o ditame final o denunciou como réu de alta traição e mandante de pérfidos homicídios, devendo morrer por isso frente à degradação eclesiástica. Apenas pode-se imaginar uma sentença tão dura e, sobretudo, uma pena infringida com tanta sanha, sanha carniceira como a que teve que purgar o Pai Hidalgo.

Ao alvorecer do dia 30 de julho de 1811, na cidade de Chihuahua, 12 soldados o executaram, descarregando sobre seu corpo as balas de seus fuzis. O cadáver do herói foi exposto ao público em uma cadeira sobre um estrado em praça pública. Ao anoitecer, foi levado de volta ao prédio em que havia estado prisioneiro e ali, de maneira brutal, foi-lhe cortada a cabeça com um único golpe de machete, o que também ocorreu com outros três companheiros de luta.

Depois, as cabeças dos quatro foram dessangradas e salgadas, para que fizessem uma longa viagem de mais de mil quilômetros até Guanajuato, berço da independência, onde foram colocadas em cada uma das esquinas do prédio da “lón diga” (casa pública onde se comercializava grãos), precisamente o local onde Hidalgo havia tido um de seus primeiros triunfos de guerra. Ali, durante 10 anos permaneceram os crânios, exibidos publicamente e a toda hora, até que em 1821, a ponto de consumir-se a independência, o povo os retirou. Fim e princípio da história. Hidalgo, por sua educação e sacerdócio, era a energia da ordem que tentou demover para conquistar a liberdade, pagando por isso com a própria vida.

Com seu chamamento e com seu sacrifício, Hidalgo morreu da vida, e não do tempo, iluminando os sentimentos mais altos dos mexicanos e desatando a cólera de um povo para que fosse feita justiça às expensas de todos. Há quase dois séculos do início das lutas libertadoras de Hidalgo, de Bolívar e San Martín, de O’Higgins e de Artigas, o sonho que faz história, emoção transcendente que se atreve, segue alimentando o ideal oitocentista da Pátria Grande, à qual nossos heróis maiores chamaram América, à qual nós continuamos chamando América.

No século XXI, o imperativo histórico é o mesmo, integrarmo-nos ou diminuirmo-nos como povos e como nações, imperativo recorrente: defender nossos interesses econômicos, políticos e culturais, no âmbito propício de um regionalismo aberto para enfrentar os desafios da globalidade.

Neste dia, na Casa da Integração Latino-Americana, no ambiente escultural de nossos heróis fundadores, soma-se o busto de Hidalgo, guerreiro libertador de sotaina e espada,

³ “Ninguém pagará tributo, nem haverá escravos a partir de agora, e todos aqueles que os tenham, seus amos serão castigados. Não há caixas comunitárias e os índios perceberão as rendas de suas terras, como suas próprias. Todo americano que deva qualquer quantidade aos europeus não está obrigado a pagar, mas se, ao contrário, quem deve é o europeu, pagará com todo o rigor o que deve ao americano. Todo réu será posto em liberdade, com a advertência de que aquele que incorra no mesmo delito ou em outro qualquer, que desdiga a honra de homem, será castigado”.

homem de idéias e de convicções, padre a cavalo, herói à altura da arte. Neste dia, ao invocar o padre de Dolores, recobram vigência nossos velhos ideais de cultura mestiça, que busca a modernidade, sem perder a memória. Memória que é identidade cultural, desafio do presente, que nos convida e nos impulsiona para o futuro. Muito obrigado.

- Aplausos

PRESIDENTE: Agora convido a todos para passarmos à frente do prédio, onde se procederá ao desvelamento do busto de Miguel Hidalgo y Costilla.

Está encerrada a Sessão.
